ANO 11.º — Sexta-feira, 20 de Dezembro de 1918 — Numero 552

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita
—Impressão na Tip. *Nacional*,
R. de Arnelas—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

SUPREMA IGNOMINIA!

O sr. Presidente da Republica alvo doutro atentado, que o vitíma, ao iniciar a sua viagem ao norte

O CRIME

—=(*)=—

E' ainda sob a impressão brutal do estupido atentado, que me abalanço a traçar duas ligeiras linhas, imprescindiveis neste momento, e que de alguma sorte hão de encontrar éco nos muitos ou poucos leitores que tiverem a paciencia de me escutar.

Dita-mas, não só o crime em si, mas ainda as consequencias incalculaveis em que nos póde lançar esse gesto odioso e desnecessario.

Mas eis, enfim, a desgraçada e intoleravel situação a que nos levaram as exacerbadas paixões politicas, que, transformando os partidos em seitas e os partidarios em fanaticos, em sectarios, chegaram ao atentado pessoal, que se pratica já agora com a indiferença revoltante de quem á vida dos outros não liga a menor importancia.

Mas não póde ser!

A existencia do homem é sagrada para o proprio homem que não tem, nem o direito de dispôr da propria vida, que pertence mais á colectividade humana do que a si proprio, quanto mais da do seu semelhante!

Não póde ser!

Para onde caminhâmos nesta vereda da arbitrariedade, do atrabiliarismo em que cada um faz o que quer, em que se não respeita nem o direito do cidadão á sua existencia? Actos destes, não dignificam o regimen, nem honram um povo.

O assassinato, sempre repugnante, torna-se odioso, fére as mais sceticas sentimentalidades, quando perpetrado, preparado e premeditado nas circunstancias em que foi o de agora, e sem que o assassino podesse conhecer—porque não podia conhecer—das responsabilidades exactas do assassinado, nos destinos da sua Patria.

Matar é sempre repugnante, mas matar à falsa-fé, traiçoeiramente, sabendo que o alvejado não poderia defender-se, matar alguem cheio de talento e de vida, que agora ou mais tarde podia ainda ser util ao seu paiz ou á humanidade, arrancar a vida a alguem de quem se ignora se é sua a maior responsabilidade nos actos de que acusam a situação politica a que presidia, é mais que repugnante: é vil, é infame, é uma covardia, é a suprema das covardias.

Reprovo o inutil e estupido crime.

Que lucrou o paiz, a Republica, a Democracia, a Liberdade com ele?

Agora, neste solenissimo momento historico, em que acaba de esmagar-se o despotismo alemão e procura implantar-se em todos os paizes civilisados, duma maneira iniludivel e insofismavel, os principios sacrosantos da Justiça, da Razão e da Liberdade, é com taes processos de justiça que Portugal se apresenta, diante das nações aliadas, a pedir justiça para si?

Mas quem é o juiz?

Como póde arrogar-se o assassino o direito de ser juiz?

Não póde ser!

Não foi para isto que se implantou a Republica, sobre os destroços da orgia monarquica!

Não foi para isto que todos nós, os republicanos de antes do 5 de Outubro, tanto lutámos e tanto nos arriscámos!

* * *

O crime que vitimou o sr. dr. Sidonio Paes, é revoltante e indigna.

Quem quer que seja que leia apenas, pelos ditames da sua consciencia, pelos impolutos principios implantados numa alma de patriota e de português, condena-o, verbéra-o, estigmatisa-o.

Mas, se o assassinato do Presidente da Republica indigna, não é digna de louvor a *en-tête* de *A Situação* que clama *vingança, seja como fôr, que á pistola se responda com a pistola, á covardia com a covardia, ao crime com outro crime*, quiçá mais hediondo ainda!

Isto não se escreve.

Que a indignação suba aos ultimos limites, que a punição seja severissima, concebe-se, aceita-se, justifica-se.

Mas responder ao crime com outro crime; incitar ao assassinio sem distinção, pôr a justiça na bôca duma pistola e armar em juiz o primeiro inconsciente que se preste a dispara-la, isso é a negação completa dessa mesma Justiça porque tanto o paiz acaba de lutar nos campos de batalha da Europa; é a negação dos mais elementares principios do Direito Humano; é a contorsão violenta da propria consciencia, a transformação do alampadario nobre que ha-de guiar o homem á pratica dos actos da generosidade, do altruismo, da abnegação, da heroicidade civica, na naifa do fadista que nos espera no primeiro canto escuro porque passemos!

Não póde ser!

Saíamos dum lamaçal ensanguentado, para caír em um charco de sangue.

Não é assim que se faz justiça em parte alguma.

Isso não seria punir, seria exacerbar.

E não deve esquecer ninguem, especialmente neste desventurado paiz tão entrechocado pelas paixões politicas, tão posto á prova pelas orgulhosas intransigencias dos seus chefes que, tanto maior é a reacção, quanto maior fôr a acção.

Não se irrite a situação. Aplaque-se. Não aconselhe o orgão governamental a tapar uma nódoa de sangue com outro sangue.

E' mau o serviço que presta ao seu paiz e á memoria do dr. Sidonio Paes, cuja morte com tão justificada indignação pranteia.

Faça-se justiça, tão rigorosa e completa quanto as circunstancias o exigem. Mas só justiça.

Nada mais bastante do que a justiça.

Justiça é... é justiça!

Se o crime é grande, a justiça pune como tal; se é pequeno tambem. Justiça, basta.

A morte do dr. Sidonio Paes horrorisou todo o paiz, por muitos motivos, e foi, não só um crime, mas um erro gráve neste momento em que a Europa e a America tem os olhos em nós.

A acção heroica de Portugal na grande guerra, terá sempre na pagina honrosa que os seus soldados escreveram para a sua historia, essa nódoa de luto a empanar-lhe o brilho.

Mas maior será essa nódoa lamentavel com que um tresloucado a manchou, se, seguindo os conselhos de *A Situação a vingança se exercer, seja como fôr!* Se ao crime que atirou desapiedadamente com o dr. Sidonio Paes para o tumulo, se opozer outro crime.

O primeiro seria esquecido pelo segundo; e sobre a memoria do primeiro recaíria o odioso da causa do segundo.

Não, não póde ser!

Não é assim que se faz justiça! Não é assim que se pune! Justiça inteira, sim!

Não póde nem deve ficar impune o crime revoltante e inutil que se praticou.

Justiça, pois, mas só para os criminosos!

Humberto Beça

Pormenores da tragedia

—(*)—

Tres tiros de revolver, á queima roupa, prostram mortalmente, o sr. dr. Sidonio Paes

A' partida do comboio especial que devia conduzir o sr. Presidente da Republica e a sua comitiva ao Porto, onde, como era sabido, o aguardava [illegible] estava marcada para as 23 horas e 55 minutos de sabado. Eram, porêm, 23 e 45 quando a banda da guarda republicana que, com uma força da mesma corporação, fazia a guarda de honra junto á estação central do Rocio, irrompendo com a *Portuguêsa*, anunciou a chegada do chefe do Estado, que se apeou do automovel acompanhado pelo capitão Cameira, ajudantes Albuquerque e Ferreira de Silva, do seu irmão Alberto Paes e do seu filho Antonio Paes, atravessando o *hangar* superior, que estava apinhado de gente, por entre duas compactas alas de policia, que se estendia desde a porta exterior á entrada da *gare*.

O sr. dr. Sidonio Paes passou tranquilamente pelo espaço que a policia lhe reservára entre o balcão das bagagens e a segunda porta da entrada dos passageiros para a *gare* quando, ao chegar ao limiar dessa porta, um individuo ainda novo, de boina, que estava na fila dos espectadores, logo atraz do cordão dos policias formados, avançou para o chefe do Estado por meio dos guardas, empurrando-os com os braços, e antes de dar tempo que se voltassem da surpreza e as demais pessoas lhe surpreendessem o gesto, apontou um revolver niquelado que empunhava com a dextra e disparou á queima roupa tres tiros contra o snr. Presidente da Republica, que, ferido mortalmente, sem dar um ai, caíu aos pés do porteiro da estação, de serviço a essa hora.

Foi então que os circunstantes tiveram a percepção nitida do que se passára, e, enquanto os policias, refeitos do empurrão e auxiliados por colégas, agarravam o criminoso, subjugando-o e tirando-lhe a arma, várias pessoas da comitiva e outras socorreram o snr. dr. Sidonio Paes, levando o seu corpo inerme para o automovel, onde pouco antes tinha chegado.

O transporte do snr. Presidente da Republica foi rapido, todos pensando que ele não ficára mortalmente ferido e com esperança de que a sua condução imediata ao hospital de S. José o salvasse. Baldados, porêm, todos os esforços no sentido indicado, visto que o sr. dr. Sidonio Paes, não podendo resistir á gravidade dos ferimentos recebidos, exalava o ultimo suspiro no momento em que os medicos de serviço no banco exam[illegible] perfurações produzidas pelas balas, as quaes uma lhe penetrou nos pulmões, interceptando-lhe as outras o figado. As suas ultimas palavras foram:

— Morro, mas morro bem. Salvem a Patria.

MOMENTOS DE PANICO

Tiroteio e confusão

Enquanto se fazia o transporte do sr. Presidente da Republica, o criminoso foi levado, pelas pessoas que o agarraram, para um dos gabinetes do interior da *gare*, junto do elevador das bagagens, não sem que tivessem acudido alguns agentes de investigação para auxiliar o serviço cada vez mais dificil no meio da balburdia estabelecida. Algumas pistolas foram apontadas contra ele, mas ergueram-se vozes de que o não matassem, e lá seguiu, bem subjugado, para o gabinete, donde mais tarde foi removido para a Escola de Guerra. No entretanto toda a gente fugia desordenadamente. Os que estavam no interior da *gare*, e eram bastantes as pessoas que se aglomeravam junto á linha 4, onde formára o comboio especial, invadiam as várias dependencias da estação, assaltavam as carruagens e tentavam saír para o exterior, fazendo os que se encontravam no recinto das bagagens o contrario, enquanto os do *hangar* abalavam em várias direcções.

De subito, ouviram-se novas detonações e não tardou que se estabelecesse um vivo tiroteio, no meio duma gritaria infrene e de correrias sucessivas, que, por fim, tiveram o seu termo, sendo a *gare* evacuada e ficando apenas no interior dela algumas forças de policia e os representantes da imprensa.

Entre várias pessoas que ficaram feridas neste grande tumulto com tiros, espadeiradas e cacetadas, contam-se um filho e o irmão do snr. Presidente da Republica, tendo tambem aparecido estendido em vários pontos da estação quatro cadaveres, cuja remoção se fez imediatamente para a morgue, estando averiguado que nenhum desses individuos teve comparticipação no crime.

QUEM È O FACINORA

Chama-se José Julio da Costa o bandido que disparou contra o sr. dr. Sidonio Paes a sua arma homicida. Tem apenas 24 anos de edade, era empregado no comercio, natural e residente em Garvão, Ourique, distrito de Beja. Ia frequentes vezes a Lisboa, onde levava uma vida de boémio, conhecendo-se-lhe até algumas amantes. Ultimamente tinha casado com uma senhora viuva, que tem uma fortuna avaliada em 30 contos. E' conhecido nas casas de jogo de Lisboa, de que era frequentador assiduo.

Há cêrca de tres anos José Julio da Costa foi julgado e absolvido por ter atirado uma bomba, em Faro, por ocasião da gréve que ali houve, matando um homem e ferindo vários outros. Segundo os amigos, falava pouco em politica, sendo os têmas predilectos das suas conversações as mulheres e o jogo.

Está incomunicavel no governo civil, tendo sido interrogado já por diferentes vezes. Na ocasião de ser preso, exclamou:

— *Não me matem! Não me matem, que eu digo tudo.*

NOTAS BIOGRAFICAS DO ILUSTRE MORTO

O snr. dr. Sidonio Paes era natural de Caminha, filho de Sidonio Alberto de Marrocos Paes e de D. Rita da Silva Cardoso Paes. Tinha 46 anos de edade. Aluno distinto da Universidade e doutorado em matemática, tendo tambem frequentado a Escola do Exercito. Em 1898 tinha concluido todos os seus cursos. Fez concurso para lente de matematica da referida Universidade e das escolas industriaes, sendo nomeado professor catedratico da cadeira de calculo diferencial e integral da Universidade e professor da Escola Industrial Brotero. Publicou vários trabalhos scientificos, entre eles *Teoria dos erros das observações* (dissertação inaugural); *Série dos numeros* (dissertação de concurso); *Força e movimentos* (dissertação de concurso para as Escolas Industriaes); *Oração de Sapientia*, pronunciada em 1906 e publicada no *Anuario da Universidade de Coimbra*.

O sr. dr. Sidonio Paes, que ocupava no exercito, antes da revolução de Dezembro, o posto de major, foi desde muito novo, conhecido como republicano, tendo sido dos poucos academicos que assinaram o celebre manifesto de 1894, redigido pelo dr. João de Menezes. Depois disso, entrou em uma conspiração revolucionaria contra a monarquia, nunca, porêm, tendo entrado na politica activa, pelo facto de ser oficial do exercito.

Proclamada a Republica, foi eleito deputado ás Constituintes pelo circulo de Aveiro, tendo préviamente aqui vindo tomar parte numa sessão de propaganda realisada no Teatro Aveirense, e mais tarde sobraçou, durante algum tempo, a pasta das finanças, tendo sido, finalmente, nomeado ministro de Portugal em Berlim, posto que ocupava quando o estado de guerra foi declarado entre a Alemanha e o nosso paiz.

O sr. dr. Sidonio Paes estava adido ao ministerio dos estrangeiros quando preparou e executou a revolução de 5 de Dezembro,

LUTO NACIONAL

O governo decretou:

1.º—Que se tome luto geral por espaço de trinta dias, sendo os primeiros quinze de luto pesado e os restantes de luto aliviado.

2.º—Que estes dias sejam contados, em qualquer ponto do territorio nacional, desde a data da recepção da infausta noticia.

3.º—Que até ao dia do funeral, inclusivè, se conservem encerrados os estabelecimentos de ensino e se suspenda o despacho nos tribunaes e repartições do Estado, exceptuando as casas fiscaes e todas as repartições cujo fun-

Uma proclamação

—(*)—

Portuguezes! No momento gravissimo da nossa historia, em que a dentro do paiz se procurava iniciar um futuro prospero e brilhante para a terra portugueza e em que além fronteiras se vão decidir os direitos e os deveres das nações do mundo inteiro, produziu se um ato da maior vileza, privando Portugal do seu chefe ilustre!

Nesta ocasião todos os portuguezes devem unir-se para defender a nacionalidade, dando um alto e digno exemplo de civismo.

Barbaramente assassinado s. ex.ª o sr. dr. Sidoni Paes, chefe do Estado, bondoso, ilustrado, justo e querido, é forçoso que nos lembremos da Patria em perigo e que o bom povo portuguez saiba enveredar pelo caminho ditado pelo mais vivo sentimento do dever.

O governo da Republica, nos termos do § 3.º do art. 38.º da Constituição, investiu-se na plenitude do poder executivo, elegeu para seu presidente o secretario de Estado da marinha e interino dos estrangeiros, sr. almirante João do Canto e Castro Silva Antunes, e resolveu:

1.º—Manter absolutamente a ordem em todo o paiz, para o que conta com o patriotismo do povo e a cooperação de todas as forças de terra e mar.

2.º—Honrar a memoria do grande portuguez e extinto presidente da Republica Portugueza, sr. dr. Sidonio Paes.

* * *

No Congresso da Republica, fiel depositario do mandato da Nação, confia o Governo. Ele saberá cumprir o seu dever, dando, como sempre, ao Paiz e ao mundo inteiro a mais alta demonstração do seu nunca desmentido patriotismo.

Pela Patria em perigo e pela Republica honesta e ordeira, todos nós, portuguezes, temos de pugnar sem violencias, mas com a inquebrantavel energia que se impõe.

O Governo conta com o Paiz!

Paços do Governo da Republica, 15 de Dezembro de 1918.

(aa) *João do Canto e Castro Silva Antunes—Antonio Bernardino Ferreira—Jorge Couceiro da Costa—João Tamagnini de Sousa Barbosa—Alvaro Cesar de Mendonça—João Alberto Pereira de Azevedo Neves—Alexandre José Botelho de Vasconcelos e Sá—José Alfredo Mendes de Magalhães—Henrique Forbes de Bessa—Eduardo Fernandes de Oliveira—José João Pinto da Cruz Azevedo.*

cionamento não possa paralisar por urgente necessidade do serviço publico, as quaes só estarão cerradas em Lisboa no dia do funeral, e exceptuando tambem as estações de saúde publica quanto aos actos impreteriveis de fiscalisação sanitaria.

4.º—Que nos teatros e fóra deles não se permitam espectaculos e outras diversões até ao dia do funeral, inclusivè.

5.º—Que as autoridades ordenem todas aquelas demonstrações que costumam praticar-se em ocasiões semelhantes.

6.º—Que tudo assim se anuncia para conhecimento das autoridades e pessoas a quem competir, cumprindo que, umas e outras, logo que tiverem noticia destas disposições pela publicação delas no *Diario do Governo*, as executem e façam executar na parte que lhes toca, sem dependencia de novas ordens do Governo, e que para assistirem aos referidos actos se conservem do mesmo modo desde já avisadas.

EM AVEIRO

A noticia do atentado chegou aqui, pelo telegrafo, ás primeiras horas da manhã de domingo e foi confirmada pelos jornaes do Porto, vindos depois das 9 horas, que a reduziam ao minimo. Dentro em pouco, porêm, era ela conhecida em toda a sua plenitude, causando a mais viva emoção em quantos, acima de tudo, colocam os principios de humanidade e o prestigio e dignificação do povo portuguez que não é, positivamente, um povo de assassinos e de covardes, afronta do mundo civilisado.

O numero de telegramas de condolencias e protesto contra a infamia que acaba de ser cometida, expedidos para Lisboa, tem sido extraordinario, conservando-se, alêm disso, a meia haste, o pavilhão nacional em todos os edificios publicos e algumas agremiações locaes.

Os sinos da Câmara dobram todos os dias a finados assim como os das igrejas, pondo uma nota triste na vida da cidade.

A guarnição militar manda rezar ámanhã, 24, ás 12 horas, uma missa, no mosteiro de Jesus, sufragando a alma do extinto presidente, constando-nos que, pelo mesmo motivo, serão celebradas exequias solénes mandadas realisar pela Comissão Administrativa Municipal em dia ainda não designado.

* * *

Acusados de fazerem parte de um *complot* que tinha por fim o descarrilamento do comboio presidencial, acham-se presos e incomunicaveis, nesta cidade, o professor de ensino primario Abel de Andrade, natural de Canelas, concelho de Estarreja, e o operario das oficinas do caminho de ferro, em Ovar, Guilherme da Silva.

A autoridade continua averiguando das responsabilidades que lhes cabe nesse tenebroso plano.

O FUNERAL

Estão marcadas para ámanhã as ultimas homenagens a prestar ao extinto Presidente da Republica, devendo revestir excepcional imponencia o saímento funebre, que se realisará da Câmara Municipal, onde o cadaver estev durante tres dias em exposição, desfilando ante ele milhares e milhares de pessoas de todas as categorias sociaes. O trajecto deve ser feito a pé para o mosteiro dos Jeronimos, pensando o governo em transferir mais tarde o corpo do pranteado morto para a igreja de Santa Engracia depois de a converter em panteon dos grandes da Republica.

Resolveu-se não haver discursos.

NO CONGRESSO

Eleição do novo presidente e sua proclamação

Segunda-feira, depois das sessões nas duas casas do Parlamento, inteiramente dedicadas á memoria do snr. dr. Sidonio Paes, efectuou-se a reunião do Congresso para eleição do novo presidente, cujos votos, incluindo os da minoria monarquica, recairam, em numero de 137, no contra-almirante João do Canto e Castro Silva Antunes, secretario de Estado da Marinha, que ás 20-25 precisas era proclamado presidente eleito da Republica, entrando na sala e sendo alvo por parte dos congressistas e publico, que enchia as galerias, duma vibrantissima ovação, só interrompida quando s. ex.ª, do alto da tribuna, profere as seguintes palavras ao ser impossado:

Afirmo, solenemente, pela minha honra, manter e cumprir com lealdade e fidelidade a Constituição da Republica, observar as leis, promover o bem geral da nação, sustentar e defender a integridade e a independencia da Patria Portugueza.

Depois desta declaração de compromisso, o contra-almirante Canto e Castro agradece ao Congresso a sua investidura no mais elevado cargo politico a que podia ascender, prometendo honrar a memoria do snr. dr. Sidonio Paes e continuar a sua obra.

Novas e entusiasticas manifestações se produzem na sala, no meio das quaes a sessão é encerrada, indo acompanhar o novo chefe do Estado ao palacio de Belem todo o ministerio e bem assim grande numero de deputados e senadores.

Aquele solicitou já a sua demissão colectiva, ficando, porêm, a solução da crise para mais tarde.

PRISÕES

São inumeras as efectuadas em todo o paiz, contando-se entre elas a do ilustre democrata e grão mestre da Maçonaria Portugueza, snr. dr. Magalhães Lima.

Todavía, a ordem não foi alterada havendo socêgo em todo o paiz.

MEDICOS

Tendo, durante a epidemia, feito serviço nesta cidade, acabou por nela estabelecer definitivamente o seu consultorio, o sr. dr. Alberto Soares Machado.

* * *

Em Ilhavo associou-se com uma senhora, como ele, ha pouco formada, o sr. dr. José Rito que nos dizem ter feito um curso muito distinto, pelo que lhe augurâmos um largo futuro.

O dr. José Rito nasceu na Gafanha, onde residem seus paes e é o primeiro medico da vasta região que enfileira ao lado dos homens de sciencia que o visinho concelho tem produzido.

Olha a admiração!...

—(*)—

Num folheto que ha dias por aí andaram a vender uns cantores ambulantes, lêmos que para quem comsigo trouxesse o *livrinho*, tudo, na vida, lhe correria seguramente bem, incluindo livrar-se dos perigos da trovoada—para ambos os sexos?—e toda a creatura do sexo feminino, está bem de vêr, que *estiver de parto, em perigo de morte, pondo-lho ao pescoço, será aliviada sem perigo nenhum.*

Como se observa, já são grandes os beneficios resultantes da posse do milagroso *livrinho*, mas ha ainda outro proveito, que, embora notavel, não nos surpreende nem nos faz admirar. E' a parte em que diz textualmente:

E todo o rapaz que estiver para entrar nas sortes, trazendo comsigo esta carta, será livre de militar por milagre de Nossa Senhora!

Sem a intervenção de Nossa Senhora, tivemos aqui, a dois passos da nossa porta, quem fizesse desses milagres aos centos.

Mais caros, é verdade, mais caros sem duvida—a 50 escudos e alguns metendo queijo e chá preto para a socega; mas faziam-se, poupando a maçada da vitima levar consigo a carta, ponto dificil de executar se, visto nem todos saberem onde metê-la quando despojados de toda a roupa em presença das juntas de inspecção...

Por o processo anterior, escarrava na bacia as ricas massinhas e ficava livre... se tinha de ficar!

Houve má lingua, que chegou a chamar a este processo—*conto do vigario!*

Mas conto ou não conto, o que ele deixou foi muito conto... de reis na gaveta do *escroc*.

Uma nomeação

Por recente despacho inserto no *Diario do Govêrno*, foi nomeado conservador do Registo Predial para a comarca de Vagos, o snr. dr. José Nogueira Lemos, oficial do registo civil no concelho de Albergaria-a-Velha, onde até ainda ha bem pouco era considerado chefe do partido democratico, desempenhando, nessa qualidade, funções inherentes á situação que disfrutava.

Dizem-nos que para o preenchimento deste logar se bateram duas forças politicas: uma representada pelo snr. dr. Egas Moniz, secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e chefe do P. N. R. ás abas de quem se agarrou o dr. Lemos, e outra pelo conhecido Conde de Agueda, que apadrinhava o candidato derrotado.

Por onde se conclue que, apezar da Republica estar muito monarquisada, ainda os *democraticos* se não foram de todo abaixo com o jogo...

Notas mundanas

Só agora soubêmos ter sido vitima de um desastre quando se dirigia, em motociclete, para a sua casa de Aguada de Cima, o nosso amigo sr. Alexandre Coelho, um dos mais antigos republicanos do concelho de Agueda.

—— Nesta cidade adoeceu, tendo recolhido ao leito, o sr. dr. Elias Pereira, secretario do liceu e um dos ornamentos do seu corpo docente.

Estimâmos o bréve restabelecimento de ambos.

—— Seguiu para Lisboa afim de se habilitar para aspirante dos correios e telegrafos o sr. Francisco Andias, filho do activo negociante de S. Bernardo sr. João Gonçalves Andias, que fez os preparatorios liceaes com muita aplicação e não menos inteligencia.

Felicidades.

—— Para Lourenço Marques, onde exerce as funções de chefe da policia, deve ter embarcado o sr. José Borges da Costa, que passou algum tempo em Aveiro com sua familia.

—— Retirou desta cidade para S. Pedro do Rio Sêco, onde conta passar uma temporada, a snr.ª D. Gabriela de Melo Teles, viuva do malogrado capitão de cavalaria, Manuel Teles.

JULGAMENTO

—(*)—

Realisou-se na passada sexta-feira, 13 do corrente, o julgamento, em audiencia, de Antonio Ferreira Canha, solteiro, de 21 anos, natural da Povoa do Valado, deste concelho, acusado de homicidio voluntario, com premeditação, na pessoa de David dos Santos Coutinho, do mesmo logar.

Uma multidão enorme ocorrêu ás visinhanças do tribunal, na sua maior parte constituida por habitantes do logar onde se deu a tragedia e de tal fórma tumultuosa se fez a invasão do edificio e escadarias que teve de intervir a força armada, restabelecendo-se assim a ordem indispensavel para o proseguimento da causa.

Presidiu o integro magistrado, snr. dr. Pereira Zagalo, e como faltasse o advogado do réu, dr. Antonio Macieira, facto que foi geral e muito desagradavelmente comentado, tomou a defêsa daquele o dr. André dos Reis, representando a acusação particular o snr. dr. Jaime Silva e o Ministerio Publico o respectivo delegado.

Algumas testemunhas de acusação ampliam, com pesadas e gráves referencias para o réu, os seus primitivos depoimentos e assim—não sabemos se para todos—ficou provada a intervenção do acusado no crime de que fôra principal protogonista um individuo de nome José Lopes, que poude escapolir-se para o Brazil, fugindo desta maneira á acção da justiça.

Iniciados os debates já pela noite dentro, em que todos que neles intervieram se conservaram á altura dos seus créditos, o juri recolheu para responder aos 14 quesitos apresentados, resposta que habilitou o digno presidente do tribunal a condenar o réu apenas em 2 anos de prisão correcional, contando o tempo sofrido, 15 dias de multa a 10 centávos, custas e sêlos do processo e 15 escudos de procuradoria.

A sentença só desagradou a quantos evidenciaram a sua má vontade contra o acusado, duma maneira bem clara e distinta.

Uma alusão que a acusação particular, no seu discurso, fizera a um ilustre espectador, resultou as indispensáveis explicações por éste provocadas, ficando dessa maneira encerrado o incidente.

Era cêrca duma hora da madrugada de sabado quando o tribunal fechou.

SOPA DOS POBRES

Declaro ter recebido do Ex.mo Sr. Comissario de policia desta cidade, a quantia de 52$00 escudos, proveniente de várias multas que, por ordem do Comando Militar, foram aplicadas a cidadãos que transgrediram o decreto relativo ás subsistencias.

Aveiro, 17 de Dezembro de 1918.

O secretario da sópa,
Manuel Maria Moreira.

...e segue

Ainda que muito pese aos idolatras ensandecidos, aí vae mais uma opinião que lhes não deve ser suspeita—e de aí, quem sabe?—opinião que arrancâmos ás colunas do diario republicano *A Manhã*, onde o seu ilustre director Mayer Garção diz com toda a propriedade:

....

A' revolução de Dezembro não se podia chamar imprevista, não se podia chamar inesperada. Quer isso dizer que ela se justificasse? Não; mas explicava-se. Não era imprevista, nem inesperada, porque se tinham cometido muitos erros no ultimo governo democratico, e esses erros eram reconhecidos pela grande maioria do partido democratico. Foram avolumados com a maledicencia dos adversarios? Talvez. Isso, porêm, não impedia que eles fossem considerados gráves, e não faltou quem, entre os melhores e até os mais considerados republicanos, procurasse levar as esferas dirigentes a um caminho mais consentaneo com a pureza da doutrina republicana. No Congresso democratico, realisado pouco antes da revolução, tinham-se expressado reclamações e protestos que bom seria que tivessem sido imediatamente atendidos. E no ponto de vista da politica geral, a rutura da *União Sagrada*, pelo menos na organisação ministerial, foi um erro tão gráve que até se diz que o snr. dr. Afonso Costa o considerou como uma catastrofe.

Foi desses erros que derivou o facil triunfo do movimento revolucionario.

....

Dóe muito, dóe mesmo muito ouvir estas grandes verdades, mas elas teem de dizer-se para que sejam ouvidas pelos responsaveis, por tantos quantos indirectamente fomentaram, prepararam e produziram aquilo contra que se queixam.

Nem mais.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Luz.*

Ultima hora

—(*)—

Numa reunião ontem efetuada nos Paços do Concelho, á qual presidiu, secretariado pelo sr. governador civil e presidente da Câmara, o presidente da Junta Geral do distrito, foi resolvido que uma corôa de bronze seja oportunamente deposta no tumulo do snr. dr. Sidonio Paes, e bem assim que se fizessem representar no funeral além de todas as câmaras do distrito, a Junta Geral, governo civil, magistratura, reitoria do liceu, Misericordia, Caixa Economica, Asilos, Bombeiros, Associação Comercial, Academia, guarnição militar, Cruz Vermelha, etc., etc.

A subscrição aberta para a corôa atingiu entre as pessoas presentes a quantia de 250 escudos.

Ficou tambem resolvido que o comercio local encerre as suas portas ámanhã ao meio dia.

Subsistencias

Estâmos devida e seguramente informados que a demora na apresentação de vários trabalhos de beneficio para esta cidade, respeitantes á questão das subsistencias, tem sido apenas a consequencia da falta da respectiva consulta ministerial o que ultimamente o pavoroso atentado tem demorado.

Contudo, o delegado do secretario de abastecimentos no norte, já aprovou o plano respectivo que lhe foi apresentado.

Muito folgâmos que rapidamente tudo seja ultimado de fórma a poder executar-se, o que todos os dias a experiencia está exigindo.